

Está em exposição na FGV ARTE **Brasília, A Arte da Democracia**. Com curadoria de Paulo Herkenhoff, a mostra percorre desde a criação da cidade até os atuais movimentos em defesa da democracia e da liberdade, reunindo 180 itens de 80 artistas, com obras de nomes como Ailton Krenak, Athos Bulcão, Cildo Meireles, Lina Bo Bardi, Marcel Duchamp, Maria Martins, Ricardo Stuckert, Rubem Valentim e Zanine Caldas, entre outros. Também integram a coletiva documentos como o croqui de Lúcio Costa para a capital federal e o diploma de Candango, conferido pelo então presidente Juscelino Kubitschek aos operários que construíram a cidade, bem como uma fotoinstalação com 32 imagens geradas por IA, 10 textos e objetos de Christus Nóbrega, que reimagina utopicamente os personagens e o processo de edificação da capital federal.

FGV Arte. Praia de Botafogo, 190. Abertura: Sex. (12), 18h. Visitação: Ter. a dom., das 10 às 20h. Sáb., dom. e fer., das 10 às 18h. Grátis. De 13 de abril a 14 de julho.



Nada digo de ti, que em ti não veja, romance histórico da escritora e jornalista Eliana Alves Cruz, aborda o presente a partir do passado. Ambientado na cidade do Rio de Janeiro em 1732, o romance trata questões como milícia, racismo, transexualidade, fanatismo religioso, delação premiada e *fake news*, todos problemas atuais que, de acordo com a autora, sempre existiram na sociedade brasileira. A história gira em torno do casal formado por Felipe e Vitória. Felipe é um homem branco abastado que sempre teve controle de sua vida por ser dono de terras, enquanto Vitória é uma mulher transexual, negra e pobre que sempre teve de lutar para conquistar direitos básicos em diferentes espaços. É o primeiro romance de Eliana Alves Cruz, tendo sido lançado em 2020 pela editora Pallas.



Lançado no último dia 11 de abril, **A Paixão Segundo G.H.** é um filme brasileiro dirigido por Luiz Fernando Carvalho, conhecido principalmente pela minissérie Capitu e o filme Lavoura Arcaica. O longa é uma adaptação audiovisual do clássico homônimo da autora Clarice Lispector, em que G.H., uma escultora rica da elite, decide arrumar seu apartamento em Copacabana depois de demitir sua empregada doméstica no dia anterior. A escultora decide começar pelo “quartinho” onde a empregada habitava, por acreditar ser o mais sujo da casa. Ao chegar no quarto, a protagonista se surpreende ao ver o cômodo completamente limpo, no entanto, do armário sai uma barata, o que leva a personagem a uma crise de epifania existencial que a faz questionar sua própria identidade e as convenções sociais que pairam sobre as mulheres na sociedade até os dias de hoje. O longa está sendo bem aceito pela crítica, com a atuação de Maria Fernanda Cândido e a capacidade do diretor de adaptar para o audiovisual uma obra tida como “inadaptável” sendo os mais elogiados.



Você Sabia?

Você sabia que **Ruth Guimarães** foi a primeira escritora negra a ter projeção nacional no Brasil? Apesar de relativamente pouco conhecida, Ruth tem diversos trabalhos literários. Nascida em Cachoeira Paulista (SP), passou parte da infância (dos 4 aos 9 anos) em uma fazenda que seu pai administrava no Sul de Minas Gerais. “Foi lá que, ainda criança – aos 5 anos já lia jornais –, recolheu histórias dos peões, caipiras, iletrados e toda gente simples que conheceu, mas de excepcional domínio da sabedoria popular, que marcaria sua obra”, nas palavras do jornalista e escritor Joaquim Maria Botelho, filho de Ruth Guimarães. Aos 10 anos, publicou seus primeiros poemas em dois jornais de Cachoeira Paulista. Após a morte da mãe, mudou-se, com 19 anos, com os irmãos para SP, onde cursou magistério na Escola Normal Caetano de Campos e ingressou no Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado – IPASE como funcionária concursada, aprovada em 1º lugar. Teve 9 filhos, 3 deles sendo PcD. Trabalhou para editoras como tradutora de francês, latim e grego, sendo considerada como responsável pela popularização de Dostoiévski no Brasil. Foi eleita no dia 5 de junho de 2008, aos 88 anos, para a cadeira 22 da Academia Paulista de Letras. Seu primeiro livro, **Água Funda**, lançado em 1946, meses antes de Sagarana, teve ampla repercussão, foi sucesso de público e de crítica, com direito a prefácio de Antonio Candido, e projetou no cenário literário a jovem escritora paulista, então com 26 anos.



Ruth Guimarães e seu romance de estreia, *Água funda*, que traz uma original reconstituição etnográfica da linguagem caipira.